

A L A G R I M A

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

INEDITOS D'ESCRITORES BARCELLENSES

Não ha hoje «Pequena Chronica», por se achar doente o nosso director. Vai, em seu lugar, um curioso inedito do fallecido sr. A. M. do Amaral Ribeiro, apreciado escriptor barcelense:

A VIBORA

Dão os naturalistas o nome generico de *Vibora* ás cobras, que tem dentes incisivos com veneno, e cauda guarnecida, pela parte inferior, com placas duplices. Distinguem-se das cobras inoffensivas, tanto pelos dentes incisivos, venenozos como pelo feitio da cabeça, que é mais obtusa e larga pelo lado de traz, e pela cauda que é mais curta, e menos delgada. A côr da *Vibora* é mui variavel; mas quasi sempre o fundo, ou é pardo, ou ruivo; algumas tem a côr de cima escura; sobre o dôrso tem uma dupla ordem de manchas pretas transversaes, e tão unidas ás vezes, que formam uma faixa sinuosa; apresentam nos flancos uma linha de pintas pretas, e tem o ventre côr de lama.

Chamam *Vibora* preta a algumas, que na verdade o são, por terem as manchas negras tão junctas e desenvolvidas, que não deixam sobresahir outra qualquer côr. A cabeça truncada por diante é mais larga, do que o pescoço; depremida e coberta de pequenas escamas, está marcada distinctamente com uma mancha preta em forma de V.

No focinho tem 6 pequenas placas; o queixo superior é mosqueado de preto, e o inferior amarelento. Os dentes de que ella se serve para morder, são de uma engeuhsosa structura, e merecem, por esse motivo, mui particular attenção.

Tem a *Vibora* de cada lado do queixo superior, o um pouco abaixo dos olhos, duas vezículas, em que está encerrado o veneno, de que se serve, quando quer, por meio de contracção; a peçonha, sahindo d'estas hexaguilhas, passa á raiz de um dente mui agado, interiormente furado até á ponta, e quando este penetra, injecta, pela contracção da vezícula, a peçonha no interior da ferida, que faz. Estes dentes tem muita analogia como ferrão das abelhas, e dos zangões; porque assim como estes o tem escondido no abdome, a *Vibora* os tem escondidos nas gengivas.

Um pouco de ammonia liquida derramada sobre a ferida feita pelos dentes, e que primeiro deve ser sarjada, e bebendo-se algumas gottas da mesma ammonia misturadas n'um copo d'agua, neutraliza, e cura completamente os terriveis effeitos da letthal peçonha da *Vibora*.

A sua lingua apenas é offensiva aos insectos; porque sendo molle, cumprida e bifurcada na ponta, serve-lhe como de laço, para apanhar, e conduzir á bocca os insectos de que se sustenta, bem como de toupeiras, ratos do campo, e de passarinhos, que apanha no ninho. Os dentes, que lhe guarnecem a bocca, só lhe servem de impedir, que as victimas lhe escapem; porque engolindo-as inteiras, não as mastiga.

Aproximando-se o inverno, recolhem-se as *Viboras* a um buraco e nelle enroscadas, e muitas vezes em sociedade com outras, passam o mau tempo meio entorpecidas, e sem comer.

Dura a gravidez da *Vibora* 8 mezes, conservando todo esse tempo no utero os ovos, cuja casca em lugar de calcarca, como a dos passaros, é membranoza: no fim d'esta singular gravidez, os filhos já fortes rompem a membrana, e permanecem enroscados nos destroços d'esta do mesmo modo, que estavam antes de sahirem d'ella! Dias depois os dá á luz a *Vibora*, vendo-se ainda pegadas nas escamas d'elles pedaços da membrana.

Segundo a classificação dos auctores mais modernos, divide-se a familia viperina em 5 especies: *Trigonocephala*, *Platura*, *Naja*, *Elaps*, e *Vibora* propriamente dita.

Nenhum animal tem sido alvo de tantas fabulas, como as cobras, e desde a mais remota antiguidade foi sempre com especialidade a *Vibora* considerada como o simbolo da malignidade, parecendo que os homens, como nota um escriptor illustre, para se vingarem do mal, que elles lhes fazem, se comprazem em lhes afear os habitos, com o intuito talvez de augmentarem o asco que ellas com razão inspiram.

Acreditaram os antigos, como se lê em Herodoto, Plutarco, Plinio, e em varios Padres da Igreja, que a *Vibora*, femca, depois de procrear, cortava com os dentes a cabeça do macho, e que os filhos, imitando Orestes na vingança do assassinato de seu Pai, assassinyavam a Mãe, a quem furavam o ventre na occasião de nascerem. Suppõem-se, que por acreditarem firmemente os Romanos nesta abstrusa, e extravagante fabula, encerravam os parricidas n'um sacco cheio de

Viboras, querendo mostrar d'ess'arte, que o parricida só era digno de viver com os seus eguaes.

Engolindo a Vibora sem mastigar os animaes, de que se alimenta, e não lhe servindo os tenues dentes, que lhe guarneecem o paladar, senão de evitar que lhe fujam da bocca, como acima dissemos, é falso, que corte a cabeça do macho: quanto a lhe furarem os filhos o ventre, é igualmente uma fabula sem fundamento algum; por que, tendo sido encerradas em vasos apropriados Viboras grávidas, viu-se que, dando á luz os filhos, viveram depois, e não tinham o ventre furado. Isto mesino é corroborado por Amatus nos seus commentarios. Discorrendo, diz elle: Vimos Viboras grávidas, que foram encerradas, dar á luz seus filhos, e depois do parto ficarem vivas, sem terem as entranhas furadas.—Scaligero a semelhante respeito, exprimiu-se assim:—Estamos certos ser falso, que as Viboras sejam mortas e despedaçadas por seus filhos mui numerosos, e impacientes de nascer: por que vimos em caza de Vicente Camarim pequenas Viboras, que acabavam de nascer, ficando a mãe com perfeita saúde—.

Crê o vulgo, vendo as Viboras, e em geral as cobras, quando assanhadas, agitarem com vehemencia a lingua, e dardejarem-a impetuosamente, que é com ella, que ferem seus inimigos, e lhe introduzem peçonha na ferida: essa lingua é inoffensiva e apenas denota o furor do reptil, do mesmo modo que o cão, agitando a cauda, denota a sua alegria e festa.

Como prova da nossa asserção sirvam os politiqueros, que brincam com cobras venenosas, ás quaes tem o cuidado de arrancarem, não esse dardo agudo, que o vulgo tanto teme, mas sim os dentes incisivos, que acima descrevemos, e que se acham meio escondidos na espessura das gengivas do reptil.

A. M. do Amaral Ribeiro.

EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

I

PISCO

Quem é que diz que morreu o Pisco? Pode lá ser isso? Isto é, eu julgo impossivel porque, sendo o Pisco a personificação da alegria, não podia, a triste morte levar-o. Não podia philosophava eu, porque a alegria e a tristeza tem limites eguaes, porisso as forças deviam destruir-se...

Note-se; eu philosophava sem sa-

ber philosophia. Mas, como na opinião de Ramalho nós sómos pintores no ramo que fazemos, musicos na área que assobiamos, eu, pela mesma razão, devo ser philosopho—*philosophando*... Philosopho que dá em tólo só em se lembrar que existindo a morte desde os tempos mais *remotos d'antiquidade*, como ainda tem acção para decepar a humanidade! E é isto caso para fazer andar a cabeça n'umas reviravoltas continuas, como a um nosso visinho hespanhol o fazia o estudo da sua lingua, pois dizia elle:—«Em hespanhol a palavra café tanto serve para designar o liquido, como a casa em que se toma; pannelheiro não serve para designar o typo que faz pannels. Nada: aprendo francez»

E, senão fosse correr-me agora ao intellecto a ideia de que a ultima scena da vida se tem dado em todos os tempos e em todas as epochas: que tem morrido reis, papas, sachristas, zeladores municipaes, irmãos do santissimo, valha-nos isso, do *mal o menos*, eu não acreditaria que morreu o Pisco.

Ora o que eu não posso acreditar é que alguém encare pelo lado triste tal morte. Pisco foi a expressão lata da alegria, e parece-me que quem chorasse offenderia a sua memoria:

«Preste-se á memoria do rei da gargalhada, dizia Pinheiro Chagas, a homenagem de um ultimo riso.»

A natureza tem d'estes caprichos: dá pepinos, dá tomates, dá alegres, dá tristonhos. A variedade encanta.

O Pisco era dos taes que tanto se importava que o cambio do Brazil estivesse a pór como a 11 e 1¼. O que elle queria, para seguir as pegadas d'outros, era que o rascante estivesse a 23.

Pode chamar-se feliz ao homem alegre:

«O habito de encarar as coisas pe-

A Lágrima

lo melhor lado, vale mais, dizia o dr. John, que o rendimento de mil kronas.»

O forte de Pisco foi nas exhibiões carnavalescas. Tinha ideias pyramidaes, extraordinarias! As mais curiosas foram: a *vacca* e o *realejo*.

A primeira consistia n'uma vacca, a *fingir*, já se sabe, de lona pregada e repregada convenientemente, dois ga-



rotos, um fingindo os pés o outro as mãos e depois Pisco com outros, também lavradores a fingir:

—Cá está a *bacca*. Guarda-a e passa-me para cá o meu dinheiro. Para mim não serbe que é munto arisca; no campo, sôrta não se pode ensugar; mette a gaita; atira que tem diabo, não se pode apôr ao arado porque corta os regos todos. E na côrte!? E' um retraco que mete mêdo; o leite não se aproveita um quartilho. Finalmente tenho mêdo que dê uma gaitada na minha mulher que a revole pr'o oitro mundo.

—Antão nada perdido. Mas guarde-me segredo.

—Ah. Isto é bôca santa.



A do realejo:

Um cãro de mão arranjado de forma a fingir o dito. Pisco tangia a manivella. D'entro o Cagulhufas tocava harmonium, e n'esta occasião uns garotos appareciam a fazer *caretas*...

Emfim, foi o homem das partidas engraçadas.

«Esta ultima, depois que a doença o prostou, dizia a «Folha da Manhã»; é que elle não pôde levar a rir.

A morte é sempre triste.»

Zetil.

NOTAS D'APULIA: Debandou quasi tudo. A gente do campo, que tomava dous e tres banhos por dia, em ceroulas os homens, em saioite branco, com barra de chita vermelha, as mulheres. A gente fina tambem rareou. Foi-se o cabeça de comarca, e a boia de salvação. Aos *micos* menos animação. O Lima está encavacado com a *chave* e com a *retrate*. Contos largos e bonitos para estas noites, que estão frias e chuvosas. Foi o caso: um cavalheiro, com medo aos porceijos do Hotel, peliu a chave d'uma casa proxima, inhabitada. Prompto: aqui está a chave. Mas a casa era grande, e o cavalheiro teve medo, de noite. Sahiu fóra, e—zâs; catrafila a primeira *pessoa* que pilha... Passou bem a noite. De manhã... o diabo! Levanta-se tarde, julgando que estava só. Etc. *Foi bô mas soube-se*. Os dandys querem imitar, fazer tambem o seu *medo*, mesmo de dia.

—O' Lima: emprestas a chave?

—Prompto. Aqui está.

Entrou, sahiu, e foi entregar a chave. D'ahi a duas horas, outro:

—A chave da casa?

—Prompto. Aqui está.

Entrou, sahiu, e foi entregar.

D'ahi a meia hora, outro:

—Emprestas a chave?

A Lagrima

—Prompto. Aqui está.

Etc. O resto entende-se. Mas, n'este entretempo, foram dizer ao Lima:

—Então você assim deixa *deshonestar* a casa do snr. Z?

—Isso é verdade?

—Verdade como um punho fechado.

O Lima salta fóra do balcão, assalta o ultimo *inquilino*, e diz-lhe:

—A chave que lhe emprestei?

—Porque?

—Porque a quero. Não a torno a emprestar. Pouca vergonha: maroteira...

Então, ouviu-se perto este *couplet* appropriado:

Quê dê a chave
qui ti dei para guardá,
stá no meio do colchão,
quem quizer vá lá buscá!

Uma ratice.

A segunda. O snr. Balthazar Osorio, lente da Escola polytechnica de Lisboa está hospedado no *hotel* Lima: Ao criado:

—O' rapaz: aonde fica a retrete?

O rapaz corre d'entro, á patrôa:

—O' senhora: aquelle senhor de Lisboa diz que quer o retrato.

Sahe fóra a *senhora*:

—O senhor tenha paciencia; mas o snr. não entregou cá *retrato* nenhum...

Elle, percebendo a historia:

—Não é retrato o que eu quero. Quero saber da *retrete*, ou da cloaca, ou da sentina...

—Ah! diz a patrôa. E' alli. Entre.

Orá aqui está como os *hoteis* da Apulia precisam de *linguas*... para intêndei os *estrangeiros*...

J. do M.

Parecendo a alguem que as iniciaes J. do M. que subscriuiam as «Notas d'um banhista», do nosso ultimo n.º encobriam o nome do nosso bom

amigo sr. João Cruz, João do Mathias como alguem supuha, temos a declarar que aquelle nosso amigo não faz parte da redacção da «Lagrima», nem nada n'ella tem escripto, desde o n.º 5.

Outra especie de dandys: os litteratos gralhas...

Os primeiros usavam a facha, e faziam rir a gente pela posição caricata dos braços gesticulando, da cabeça fazendo mezuraz, etc. Os segundos, os *gralhas*, esses empavezam-se junto das senhoras, escutam-lhes as opiniões ácerca d'isto, e d'aquillo; e, quando a sr.^a D. X. diz:—«gostei d'aquellas *notas d'um banhista*, que vieram na *Lagrima*», salta um, e baixando a cabeça:

—Fui eu que as escrevi, minha senhora.

E ella, sorrindo:

—Dou-lhe os meus parabens.

—Obrigado, diz elle, e offerece-lhe uma das mãos,—quando podia offerecer-lhe as *quatro*...

Muito pedantinho cria o pão do Senhor!

Na Calçada:

—Acolá vão dois Antonos.

—Olhe que Antone não tem plural, diz um neophito professor.

O' *Costa*, apita!

PERFIL: Alto, hombros largos e peito forte, pulso rijo e voz sonora. Ama a Republica, dando-lhe *brincos*, e collando, em frascos, recortes amarellos symbolizando o górrro phrygio. Tem para todas as sopeiras uma chalaça inoffensiva; e, quando pode, umas palmadinhas no hombro. Ellas gostam, porque lhe frequentam a loja.

Vende muito, porque é sério. Especialidade: azeitonas, que é o saboroso fructo da *oliveira*.